DOI: 10.11606/issn.2238-7714.no.2017.131139

O envelhecimento na tela: o discurso da velhice ativa em programas de TV e documentários[1]

Sílvia Góis Dantas

Publicitária, mestra em Comunicação e Práticas do Consumo pela ESPM-SP e doutoranda em Ciências da Comunicação na Universidade de São Paulo (PPGCOM/USP). Integra o Grupo Linguagens e Discursos nos Meios de Comunicação (GELIDIS) da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Lattes: http://lattes.cnpq.br/4810178760566924.
E-mail: silviagdantas@gmail.com

Resumo: O texto busca analisar o discurso sobre a velhice tomando quatro objetos: (I) série de reportagens especiais sobre o envelhecimento no *Jornal Nacional* (TV Globo, 2017); (II) reportagem exibida no programa *Mais Você* (TV Globo, 2016); (III) série documental *Muitos anos de vida* (Alberto Renault, GNT, 2016) e (IV) o documentário *Envelhescência* (Gabriel Martinez, 2015). Partindo da premissa de Guita Grin Debert (2006) de que a velhice é uma construção social, e com base nos estudos sobre envelhecimento da população e transição demográfica no Brasil, verificamos que o discurso sobre o envelhecimento em diferentes produtos midiáticos encontra-se bastante ligado a atributos da juventude, à atividade e à obrigação da felicidade, como marca da contemporaneidade.

Palavras-chave: Discurso; Envelhecimento; Programas de televisão; Documentário.

Title: Aging on screen: the discourse about active old age in TV programs and documentaries

Abstract: This article aimed to analyze the discourse on old age based on four objects: (I) series of special reports on aging on *Jornal Nacional* (TV Globo, 2017); (II) report shown on the program *Mais Você* (TV Globo, 2016); (III) documentary series *Muitos anos de vida* (Alberto Renault, GNT, 2016) and (IV) documentary *Envelhescência* (Gabriel Martinez, 2015). Based on the premise of Guita Grin Debert that old age is a social construction and based on the studies on population aging and demographic transition in Brazil, we found that the discourse on aging in different media products is strongly linked to the attributes of youth, activity and the obligation of happiness, as a mark of contemporaneity.

Keywords: Discourse; Aging; TV programs; Documentary.

[1] Versão preliminar desse texto, enfocando apenas o documentário *Envelhescência* (Gabriel Martinez, 2015) e a série *Muitos anos de vida* (Alberto Renault, GNT, 2016), foi apresentada no GT 2 – “Comunicação, consumo e identidade: materialidades, atribuição de sentidos e representações midiáticas” do 6º Encontro de GTs de Pós-Graduação do Congresso Internacional Comunicação e Consumo (Comunicon), realizado nos dias 14 e 15 de outubro de 2016 na Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM), em São Paulo. A partir desse texto inicial, incluímos novas observações também acerca do discurso sobre envelhecimento no *Jornal Nacional* e no programa *Mais Você*.

A visibilidade do envelhecimento: atividade e felicidade

Nos últimos anos, os indicadores demográficos globais têm sofrido mudanças importantes. Pesquisas recentes, como a da Organização Mundial da Saúde (OMS) divulgada pela Agência Brasil EBC (2015), informam que até 2050 o número de pessoas com mais de 60 anos[2] no mundo vai duplicar.

[2] Consideramos a definição de idoso explicitada no Estatuto do Idoso (Lei 10.741), que assim denomina a pessoa a partir de 60 anos de idade, limite também adotado pelo IBGE. Disponível em: <https://goo.gl/3NyBjK>. Acesso em 10 jul. 2015.

Essa transformação tem sido bastante divulgada pelos meios de comunicação. Em diversos programas – jornalísticos e de entretenimento –, temos observado a tentativa de ilustrar as mudanças proporcionadas por esse quadro social por meio de uma linguagem acessível, atraente e com exemplos do cotidiano brasileiro.

Evidentemente, esse novo quadro de visibilidade e poder da terceira idade não surgiu de uma hora para outra. Seguiu na esteira de um processo social, no qual Debert (2012) destaca a criação do termo “terceira idade” por Laslett (1987), que vai além da questão do prolongamento etário, pois exigiu

> uma ‘comunidade de aposentados’, com peso suficiente na sociedade, demonstrando dispor de saúde, independência financeira e outros meios apropriados para tornar reais as expectativas de que essa etapa é propícia à realização e satisfação pessoal. (DEBERT, 2012: 19)

Uma vez que também são consumidores de produtos e serviços, inverte-se a lógica associada ao descanso e à exclusão da vida pública a partir da aposentadoria. Com isso, a terceira idade se transforma em uma época de atividade e lazer, e como tal, passa a receber mais atenção e visibilidade.

Assim, a “conspiração do silêncio” acerca da velhice denunciada por Simone de Beauvoir (1976) vai se tornando cada vez mais distante do atual contexto marcado pela convocação dos idosos a estarem em permanente atividade, buscando a felicidade e o aproveitamento de cada momento da vida como consumidores, pois “a transformação da terceira idade em segmento de mercado movimenta a economia e enseja novas configurações nas cartografias do consumo” (CASTRO, 2015: 4).

Partimos do pressuposto de que a velhice não é uma categoria natural, mas sim socialmente produzida, pois “as representações sobre a velhice, a posição social dos velhos e o tratamento que lhes é dado pelos mais jovens ganham significados particulares em contextos históricos, sociais e culturais distintos” (DEBERT, 2006: 50).

Essa autora identifica um cenário de reinvenção do envelhecimento na atualidade, marcado principalmente pelo envelhecimento ativo, no qual é encorajada uma multiplicidade de experiências. Ao que parece, conforme os novos discursos, o idoso busca na juventude uma forma de pertencimento, associada a um modo de viver enaltecido socialmente. As práticas antes ligadas aos jovens, principalmente aquelas consideradas mais arriscadas como esportes radicais, por exemplo, são incentivadas, independente da faixa etária, havendo dissociação entre juventude como faixa etária e uma nova atribuição de valor. Como comenta Debert:

> Juventude perde conexão com um grupo etário específico, deixa de ser um estágio na vida para se transformar em valor, um bem a ser conquistado em qualquer idade, através da adoção de estilos de vida e formas de consumo adequadas. (DEBERT, 2012: 21)

Nesse sentido, é de se perguntar: até que ponto a identificação do idoso na atualidade tem sido associada à liberdade e à atividade constante? Quais atributos seriam responsáveis pelo pertencimento à categoria de idoso? Que tipo de idoso tem ganhado visibilidade na mídia? Quais são os novos modelos de terceira idade?

Ao que parece, apesar da heterogeneidade constitutiva da categoria de idoso, suas recentes representações na mídia aproximam-se pela criação de um imaginário ligado à atividade constante e à exclusão da passividade e tranquilidade. Além disso, “a velhice é transformada em uma responsabilidade individual” (DEBERT, 1997: 125), de modo que a gestão da velhice e a associação desse período da vida à liberdade passam a ser um modelo de idoso bem-sucedido, que surge imperioso, quase como uma convocação, passível de rejeição para aqueles que não se adequam a esse *ethos*, muito de acordo com a sociedade contemporânea, na “era da felicidade compulsiva e compulsória” (FREIRE FILHO, 2010: 17), em que cada sujeito deve assumir responsabilidade pela sua felicidade, entendida como construção unilateral do indivíduo.

Essa é a hipótese que nos impulsiona a analisar o tratamento do tema pela mídia em quatro objetos, sendo dois da TV aberta, um exibido na TV por assinatura e o último um documentário exibido em cinemas: (I) série de reportagens especiais sobre o envelhecimento no *Jornal Nacional* (TV Globo, 2017); (II) reportagem exibida no programa *Mais Você* (TV Globo, 2016); série documental *Muitos anos de vida* (Alberto Renault, GNT, 2016) e documentário *Envelhescência* (Gabriel Martinez, 2015).

Nesse ponto, não podemos deixar de considerar cada obra audiovisual como uma construção que traz em si o olhar do diretor, a sua intenção. É preciso ter em vista que há escolhas na forma como se selecionam os entrevistados/personagens, nas perguntas efetuadas, enfim, as condições de produção de cada reportagem ou de cada documentário são definidoras para o seu resultado. Não conhecendo as condições de produção e o processo de escolha das personagens, trabalhamos aqui apenas com a materialidade discursiva – isto é, os audiovisuais propriamente ditos.

Sabemos que, mesmo com a intenção de mostrar algo, não há uma fidedignidade absoluta, o diretor sempre efetua seu recorte no mundo histórico, a partir do seu olhar e suas referências de mundo. Trata-se, dessa forma, sempre de uma interpretação, de uma forma de contar, entre tantas possíveis.

> Tanto o documentário quanto o telejornalismo, a grande reportagem ou, para resumir, o filme de não ficção de maneira geral, jamais podem ser considerados portadores de “objetividade” e, muito menos, de “verdade”. Todos são construtos, artefatos fabricados pelas mãos e pelos olhos daqueles que empunharam o instrumento de registro chamado “câmera cinematográfica” ou “videográfica”. (FREIRE; SOARES, 2013: 78)

Com essa noção de construto que norteia as produções, passamos a analisar cada uma delas. É interessante registrar que nosso *corpus* pautou-se não pela diversidade de canais e grupos de comunicação, já que os três primeiros fazem parte do Grupo Globo (o canal por assinatura GNT faz parte da rede Globosat), mas por um recorte intencional a partir da confluência de temáticas e forte recorrência de certo tipo de discurso acerca do envelhecimento na mídia.

Justificado pela mudança acelerada do perfil da sociedade brasileira e pela maior visibilidade do tema, esse discurso midiático sobre o envelhecimento contribui para a constituição da “terceira idade” como importante público consumidor e, sobretudo, parece estar bastante associado a um determinado *ethos* da contemporaneidade, marcado pela valorização da juventude e da obrigação da felicidade. A partir dessa hipótese, passamos então a descrever os temas e recursos trabalhados nos audiovisuais, apontando, em cada um, pontos que nos chamam atenção acerca dos discursos circulantes sobre os idosos.

Envelhecimento no *Jornal Nacional*

Na primeira semana de janeiro de 2017, o *Jornal Nacional* exibiu uma série de quatro reportagens especiais (JORNAL NACIONAL, 2017) conduzidas pelo repórter César Menezes, com duração de sete a oito minutos, acerca das mudanças sociais com o envelhecimento. Ilustradas com gráficos, dados comparativos e consulta a especialistas, o mote era a necessidade de se preparar para essa fase a fim de vivê-la bem.

Na primeira delas, intitulada "Brasil envelhece e é preciso se preparar cada vez mais cedo", procurou-se apresentar o cenário geral, mostrando a situação etária da população, ao mesmo tempo que enfatizava a velocidade do crescimento da população idosa no Brasil em paralelo com o problema de envelhecer em um país (ainda) com muita pobreza. Em entrevista, Jorge Félix, professor de Economia da Longevidade da Universidade de São Paulo (USP), explicou que enquanto a França levou 145 anos para dobrar a população de idosos (1850: 10%; 1995: 20%, segundo a OMS), no Brasil, isso vai acontecer em apenas 25 anos, ou seja, parte-se de 10% da população em 2010 para atingir 20% de maiores de sessenta anos em 2035, conforme a previsão.

A sociabilidade entre gerações distantes (crianças e idosos) também foi exibida como possibilidade de enfrentar esse cenário. Ainda nessa primeira reportagem, o repórter submeteu-se a uma simulação da redução da mobilidade consequente da idade avançada, utilizando caneleiras, óculos embaçados, entre outros apetrechos que buscavam sensibilizar sobre a dificuldade de andar nas grandes cidades.

A segurança, aliás, foi o tema da segunda matéria, na qual se abordava especificamente a necessidade de adaptação das casas para atender às necessidades do idoso, como a importância de luz noturna, objetos e móveis adequados, fazendo analogia à mudança que se dá quando vai receber um bebê em casa. A reportagem trouxe o exemplo da cidade de Veranópolis (RS), na Serra Gaúcha. Com 24 mil habitantes, ela foi considerada uma das três cidades com maior expectativa do mundo, destacando-se a grande quantidade de atividades disponíveis para que ninguém precise ficar em casa e, assim, haja maior interação e sociabilidade, fatores considerados segredos de uma velhice bem-sucedida.

O desafio de manter os idosos no mercado de trabalho foi o tema da terceira exibição, que trouxe uma comparação entre o Brasil e o Japão, com a participação do correspondente Márcio Gomes. Em um contexto geral marcado pelo intenso debate acerca da Reforma da Previdência no Brasil, com um projeto bastante polêmico que tem sido alvo de manifestações e protestos pelo país afora, a matéria enfatizou o desgaste dos cofres públicos com a idade média de aposentadoria, enfocou a importância do trabalho e apresentou indicadores do impacto do envelhecimento no orçamento das famílias brasileiras, que demonstraram que 71% dos aposentados dependem dessa renda para sustento familiar. Alexandre Kalache, presidente do Centro de Longevidade Brasil, como especialista, defendeu maior convivência entre jovens e idosos no ambiente de trabalho, incentivando a necessidade de criar condições para "esticar a carreira, se o idoso quiser", fazendo com que a experiência não seja "desperdiçada numa aposentadoria precoce" (JORNAL NACIONAL, 2017). No mesmo sentido, Márcio Gomes trouxe alguns exemplos do Japão, onde a população com mais de 60 anos corresponde a 33%. Segundo ele, numa cultura que incentiva a eficiência e o trabalho, o idoso, em geral, rejeita a aposentadoria, atitude estimulada pelo governo. Assim, empresas que contratam idosos recebem subsídios no primeiro ano, jornada facilitada, menos horas por dia ou menos dias de trabalho por mês, o que, segundo a reportagem, "ajuda o idoso a se manter ativo e saudável" (JORNAL NACIONAL, 2017).

Finalmente, a quarta (e última) reportagem tratou das mudanças da imagem da população idosa, em que merece destaque uma ilustrativa declaração de Lilian Morillo, médica geriatra do Hospital Sírio Libanês de São Paulo, entrevistada na matéria acerca do imaginário da velhice:

> Pega as histórias dos contos de fada. Quem é a bruxa? Como é a bruxa? Velha. Queixo grande, nariz comprido, mais verruga, aquela mão de artrose. Então a figura da bruxa é a figura da velha. Então, eu acho que a sociedade não gosta fisicamente da velhice. A velhice é a coisa mais parecida com a morte que a gente tem. Acho que é a grande dificuldade da gente de entender que as coisas são finitas. Que a gente vai acabar um dia. (JORNAL NACIONAL, 2017)[3]

[3] Transcrição de trecho da quarta reportagem: “Imagem da população idosa passa por mudanças” (8 min). Exibida em 5 jan. 2017. Disponível em: <https://goo.gl/gfvvFF>. Acesso em: 10 jan. 2017.

Nesse ponto, a rejeição à velhice aponta para um aspecto característico da contemporaneidade: a sua negação. Conforme Debert (2012) e Barros (2006) indicam, a partir das pesquisas de campo realizadas, velho é sempre o outro. Seja qual for a idade, os idosos não se definem como velhos. Exemplar nesse sentido é a situação de muitos deles não aceitarem ficar na fila de idosos ou sentar nos assentos a ele destinados nos transportes públicos, como se rejeitassem o papel de velho, o que pode ser explicado pela recorrência a estereótipos ligados a essa etapa da vida.

Sendo assim, se “velho” é um termo pejorativo, carregado de estereótipos negativos, que faz com que eles neguem a identificação, “jovem” surge como sua atração irresistível, socialmente valorizada. Além disso, traz a ideia de adiamento do fim, ou seja, da morte, e de aproximação com liberdade e alegria, de acordo com o *ethos* da felicidade tão divulgado nos dias atuais (FREIRE FILHO, 2010). Com isso, poderíamos nos arriscar a supor que o pertencimento do idoso parece estar ligado à juventude: tornar-se velho hoje é aproximar-se do estilo jovem de ser. Entre as forças que fazem parte do processo de identificação da terceira idade, parece estar se fortalecendo a negação dos limites corporais e psíquicos, ao tempo em que o recolhimento é desvalorizado.

> A velhice, como estigma, não está necessariamente ligada à idade cronológica. Os traços estigmatizadores da velhice evidenciados na literatura analisada ligam-se a valores e conceitos depreciativos: a feiúra, a doença, a desesperança, a solidão, o fim da vida, a morte, a tristeza, a inatividade, a pobreza, a falta de consciência de si e do mundo. (BARROS, 2006:139)

Por essa razão, velho não se torna uma categoria de auto-identificação: “o velho é sempre um outro e a velhice um drama de todos em qualquer idade, porque todos ficarão velhos um dia” (DEBERT, 2012: 229). Se o idoso não se identifica como velho, não se sente pertencendo à velhice, temos então a construção da sua identidade a partir da negação – da diferença, outridade – da idade avançada. Chegamos, assim, à busca da juventude, exacerbadamente valorizada na cultura brasileira, em oposição à velhice.

De volta à série de reportagens, embora mostre que estereótipos pejorativos associados à velhice façam parte da construção social, a última matéria finalizou com um tom de aconselhamento, ao sugerir os “quatro capitais para envelhecer bem” (Figura 1), para garantir melhor qualidade de vida após os 60 anos: saúde, conhecimento, dinheiro e amigos.

Figura 1: Capitais para envelhecer bem: Alexandre Kalache, presidente do Centro de Longevidade Brasil, em entrevista ao repórter César Menezes (JORNAL NACIONAL, 2017)

Entre os capitais, o exercício físico segue como grande indicação para a manutenção da saúde. Em segundo lugar, a busca contínua do conhecimento, ressaltando-se a dificuldade com a tecnologia que, segundo a matéria, não pode ser pretexto para a acomodação, pois é preciso interagir com nosso tempo e as novidades. A situação financeira é outro ponto importante. É preciso poupar cedo para garantir uma velhice com certa folga de dinheiro, muito embora tenha sido ressaltada a dificuldade para poupar dinheiro no nosso país. Finalmente, a relevância das amizades. Conforme a matéria, é uma característica masculina o grande investimento no trabalho, em detrimento do investimento na interação social, o que resulta em solidão maior entre os homens do que entre as mulheres na terceira idade. Apesar da generalidade das conclusões, e da nossa ressalva de que sempre temos que ter em vista os maiores de 60 anos como um grupo bastante heterogêneo, percebemos aqui, especialmente nessa última parte da reportagem, a retomada da ideia da "reprivatização da velhice [...] que envolve sua transformação em uma responsabilidade individual". (DEBERT, 1997: 127).

Como se percebe, com muitos recursos gráficos para ilustrar indicadores demográficos e econômicos, a série de reportagens partiu da urgência do tratamento do tema do crescimento do envelhecimento no país, abordou a necessidade de interações entre as gerações novas e mais velhas, tratou da necessidade de segurança nas casas, buscou empatia com o público, com um tratamento respeitoso e aparentemente de cunho informativo. No entanto, com um tom de elogio ao trabalho na terceira idade como forma de se manter ativo, saudável e longevo, parece colocar-se a favor da Reforma da Previdência em um momento em que esse debate ocupa as manchetes[4]. Ainda em conformidade com a ideia de envelhecimento saudável e gestão de si, apresenta-se quatro capitais que devem ser administrados com eficácia a fim de garantir uma boa velhice.

Os depoimentos de especialistas, entre os quais está Alexandre Kalache, reiteradamente tentam transmitir mais respaldo ao que é dito e mostrado. Como analisa Giddens (2002), os especialistas têm como missão fornecer continuamente informações para o aperfeiçoamento sucessivo do indivíduo, alimentado também pela sua constante reflexividade. Eles "são parte integrante da cultura terapêutica do narcisismo. Surgiu um novo paternalismo em que os especialistas de todos os tipos oficiam para as necessidades da população leiga" (GIDDENS, 2002: 160-1). Nesse sentido, Debert (2006) indica que o discurso científico contribui para transformar a velhice em especialidade, ao tempo que alerta para o caráter de verdade e de força que ele faz circular: "O saber científico não é um saber exclusivamente técnico, mas um saber que produz fatos normativos. As qualificações e desqualificações que ele opera acabam tendo o estatuto de um direito e de uma definição de normas" (DEBERT, 2006: 66). No panorama analisado, três dos quatro produtos audiovisuais recorrem aos especialistas.

[4] A Proposta de Emenda Constitucional da Reforma da Previdência (PEC 287/2016), enviada ao Congresso Nacional pelo presidente Michel Temer, revelou-se bastante pretensiosa. A justificativa do governo aponta para a mudança na pirâmide etária, resultando no maior envelhecimento da população e no aumento do déficit da previdência. Diante das reações dos grupos da sociedade civil contra o aumento da idade para a aposentadoria, entre outras questões polêmicas, o presidente fez concessões, mas a insatisfação continuou bastante elevada. Tratando-se de um governo impopular e carente de legitimidade, envolto em escândalos deploráveis, as possibilidades de aprovação vão se reduzindo cada vez mais.

Mais você e a transição demográfica

Já no campo do entretenimento, o programa *Mais Você*, capitaneado por Ana Maria Braga, que vai ao ar nas manhãs da programação da TV Globo e é focado em estilo de vida, traz reportagens sobre gestão de si, casa, decoração, bastidores da televisão, além de entrevistas com artistas, entre outros temas. Originalmente dirigido para mulheres, principalmente donas de casa, o ponto forte do programa é a culinária, com a apresentadora demonstrando e provando receitas, característica que a notabilizou muito antes do *boom* dos programas voltados a *chefs* e culinária em geral.

O programa do dia 25 de abril de 2016 mostrou uma reportagem sobre a maior convivência entre gerações. Logo no início, a transição demográfica foi anunciada pela apresentadora como "esse fenômeno de ter mais pessoas vivendo mais com mais idade" (PROGRAMA MAIS VOCÊ, 2016). Em seguida, entrava a matéria com imagens de distintas gerações em convivência, pessoas caminhando em grandes cidades, idosos em meio aos jovens etc. Tudo em câmera lenta. Com uma linguagem coloquial, percebe-se claramente a intenção de esclarecer a questão para o grande público, trazendo também números e gráficos simplificados (Figura 2).
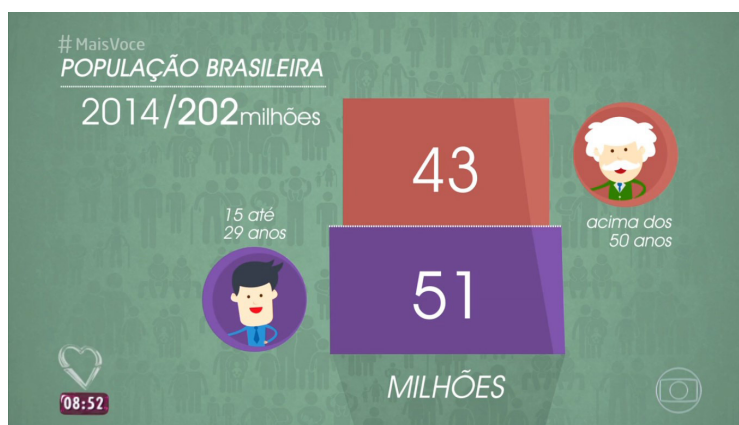
Figura 2: Números ressaltam o crescimento da população idosa em 2014 (PROGRAMA MAIS VOCÊ, 2016)

Já no início da matéria, ouvimos o seguinte texto pela locução em *off*, enquanto imagens em câmera lenta mostram ruas de uma grande cidade em que pessoas se movimentam.

> Estamos vivendo uma época especial. Será que você já conseguiu reparar? Então faça o teste. Vá para um lugar movimentado. Perceba como os jovens que antes eram maioria, agora estão mais misturados aos adultos e aos idosos, que *aliás estão cada vez menos idosos.* Olha aí como estão ativos, produtivos… eles se rejuvenesceram e se multiplicaram. Olha aí mesmo na sua casa. Nunca convivemos tanto com gerações tão diferentes como hoje. Esse movimento tem até nome: transição demográfica. (PROGRAMA MAIS VOCÊ, 2016)[5]

[5] Transcrição de trecho do Programa Mais Você (Globo, 2016), exibido em 25 de abril de 2016. Disponível em: <https://goo.gl/8kYhGV>. Acesso em: 22 jun. 2017.

De fato, o estreitamento da base da pirâmide etária na população está ligado a dois fatores principais: a diminuição dos níveis de fecundidade e a maior longevidade, devido à redução dos níveis de mortalidade, como explica o estudo *Mudança Demográfica no Brasil no início do século XXI* do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), citado por Borges, Campos e Castro e Silva:

> O processo de transição demográfica ou transição vital é uma das principais transformações pelas quais vem passando a sociedade moderna. Ele caracteriza-se pela passagem de um regime com altas taxas de mortalidade e fecundidade/natalidade para outro regime, em que ambas as taxas situam-se em níveis relativamente mais baixos. (BORGES; CAMPOS; CASTRO E SILVA, 2015: s/p)

O programa se destaca ao trazer a noção de transição demográfica para o debate, mas também acaba derrapando ao afirmar que os idosos "estão cada vez menos idosos", colaborando para manter a noção de que "velho é o outro". O rejuvenescimento e a atividade são valorizados no mesmo direcionamento de que a juventude deve ser um valor conquistado independente da idade, conforme Debert (2012). Com mais de 60 anos, a própria apresentadora Ana Maria Braga se declara jovem e ativa, e pode ser considerada a própria materialização desse discurso da obrigatoriedade do rejuvenescimento. No entanto, não se pode esquecer que:

> Ao louvar as pessoas saudáveis e bem-sucedidas que aderiram aos estilos de vida e à parafernália de técnicas de manutenção corporal sugeridas pelos gerontólogos e amplamente veiculadas pela mídia, assistimos à emergência de novos estereótipos. Se um indivíduo não é ativo, não está envolvido em programas de rejuvenescimento, atinge a velhice no isolamento e na doença, a culpa é exclusivamente dele. (DEBERT, 1997: 127)

Apesar desse modelo um tanto restritivo da velhice, que incita atividade e juventude, percebe-se no programa um olhar positivo sobre a maior convivência das gerações, enfocando vantagens para os mais novos – para quem a experiência dos idosos e sua sabedoria significam um estímulo à maior interação –, bem como para os mais velhos – que podem se atualizar com os jovens, ao passo em que desfrutam de mais liberdade.

A matéria também trazia a opinião de Mirian Goldenberg, especialista na questão do envelhecimento, cujo testemunho procurava transmitir legitimidade e distinção, fortalecendo o discurso circulante de liberdade e atividade associado às novas formas de viver a velhice na contemporaneidade. Segundo ela,

> o que era antes um muro virou uma ponte, uma conversa. E o que acho mais importante é que está mudando as representações negativas sobre as pessoas mais velhas. As próprias pessoas mais velhas estão mostrando: sim, nós podemos ir à praia de biquíni... podemos dançar, namorar, dar beijo na boca, *nós podemos tudo e muito mais*, então tudo que era proibido, cercado de tabus e preconceitos, está caindo, porque os mais velhos que viveram os anos 60 e os anos 70 não vão permitir que essas rotulações vigorem hoje. (PROGRAMA MAIS VOCÊ, 2016)[6]

[6] Transcrição de trecho do Programa Mais Você (Globo, 2016), exibido em 25 de abril de 2016. Disponível em: <https://goo.gl/8kYhGV>. Acesso em: 22 jun. 2017.

A possibilidade de fazer "tudo e muito mais" novamente derruba os limites entre idades, valorizando a atividade e a vontade do indivíduo, como se não houvesse barreiras físicas no que diz respeito à mobilidade e ao próprio desenvolvimento corporal, e como se quem não desejasse "fazer tudo e muito mais" fosse excluído da categoria de idoso. No nosso entender, não se trata de erigir barreiras e rotulações, pelo contrário, o movimento tem seu mérito ao ser libertador e flexibilizador, desde que não acarrete a criação de novos estereótipos, como alerta Debert (1997) anteriormente citado e como, aliás, tem acontecido por meio dos modelos da velhice ativa e saudável, consubstanciada na expressão "melhor idade".

Seis idosos em um documentário: *Envelhescência*

Observando as produções acerca do discurso do envelhecer, também nos chamaram a atenção dois audiovisuais recentes com teor documental: o documentário *Envelhescência* (Gabriel Martinez, 2015) e a série *Muitos anos de vida* (Alberto Renault, GNT, 2016). Nesses objetos, especificamente, adensamos nosso olhar também para questões de gênero, buscando perceber como se dá a abordagem da mulher idosa, pois:

> Se gênero é relacional e performático, gênero e idade são cruciais para entendermos certas categorias sociais como a velhice, particularmente a situação da mulher idosa. Pensar na relação entre gênero e envelhecimento é se defrontar com duas formas distintas de conceber a experiência feminina e o avanço da idade. (DEBERT, 1994: 33)

Envelhescência (2015)[7] apresenta "Seis histórias de vida que inspiram uma nova leitura sobre a terceira idade". Com direção de Gabriel Martinez e 84 minutos de duração, o documentário foi lançado no Centro Cultural Banco do Brasil de São Paulo em junho de 2015[8] e exibido em cinemas. O trailer, disponível no *site* do projeto, teve grande repercussão nas redes sociais na época do seu lançamento, com mais de 200 mil visualizações no Facebook[9].

Figura 3: Imagem de lançamento do documentário Envelhescência (ENVELHESCÊNCIA, 2015)

Em contraste com a sisudez do homem do cartaz de lançamento do documentário (Figura 3), esse audiovisual apresenta o descontraído cotidiano de idosos cujas atividades impressionam. Apesar da avançada idade, eles pulam de paraquedas, surfam, lutam, enfim, desempenham atividades intensas, muitas vezes associadas à aventura e coragem dos jovens. Pode-se dizer, assim, que se trata de um encorajamento à aventura, vivência de novas descobertas e despojamento dos medos.

Entre as seis personagens apresentadas, duas são mulheres: Edmea e Judith. Edmea (67 anos) declara que começou a surfar aos 58 anos. Para ela, a velhice não está associada à idade, mas sim à atitude: "Só envelhece se quiser, porque a cabeça da gente é quem manda, né?". Tal declaração, muito de acordo com o discurso midiático, direciona ao indivíduo a responsabilidade total pelo seu bem-estar e disposição, desprezando as naturais limitações corporais que advêm da idade avançada e de acordo com a noção de "reprivatização da velhice" (DEBERT, 1997).

Já Judith (84 anos) impressiona pelo visual, com diversas tatuagens espalhadas pelo corpo, a primeira das quais foi feita aos 72 anos, como ela declara. "As pessoas perguntam: por que que ninguém te critica? Eu falo: porque meu sorriso vem na frente." Com foco excessivo na questão da alegria, o sujeito relaciona a felicidade à juventude ao declarar de forma contundente: "Põe alegria na sua cara que você fica nova". Freire Filho (2010) aponta que, segundo esse discurso em voga na contemporaneidade, a felicidade exigiria dedicação, condicionamento mental e gestão emocional, sendo uma construção unilateral do indivíduo, que precisa se esforçar para romper com a "vitimologia" e assumir o papel de único responsável por sua própria felicidade.

[7] O termo faz alusão à adolescência, significando uma fase de preparação para a entrada na velhice, e sua criação é atribuída ao escritor Mario Prata, em crônica disponível no portal Viva 50: "A envelhescência nada mais é que uma preparação para entrar na velhice, assim com a adolescência é uma preparação para a maturidade. Engana-se quem acha que o homem maduro fica velho de repente, assim da noite para o dia. Não. Antes, a envelhescência." Disponível em: <https://goo.gl/VXPzDi>. Acesso em: 2 maio 2016.

[8] Houve também bate-papo com o diretor após uma das sessões.

[9] Conforme divulgado em sites, como o portal "Aproveitando a terceira idade". Disponível em: <https://goo.gl/2SEQhu>. Acesso em: 2 maio 2016.

Buscando trazer "um novo olhar sobre viver o envelhecimento", a produção questiona limites da velhice e também apresenta a opinião de especialistas sobre o tema, entre eles Mario Sergio Cortella, que propõe "que a velhice seja vibrante e não só brilhante, não só radiante", e também Mirian Goldenberg, já citada nos comentários prévios sobre a abordagem do tema no programa *Mais Você*. Segundo ela, os idosos estão vivendo um momento de libertação, no qual podem reinventar a própria vida e "não aceitam o imperativo 'sejam velhos'". Assim, o dever da felicidade surge interligado à ideia de se reconstruir e aproveitar a vida como jovens – sem limites, com ousadia e destemor.

50, 60, 70, 80, 90: *Muitos anos de vida*

Finalmente, a série documental *Muitos anos de vida* foi exibida no canal a cabo GNT entre março e abril de 2016[10] e atualmente está disponível na plataforma GNT Play[11]. Dirigida por Alberto Renault, conta com cinco episódios de 22 minutos de duração, em que as narrativas e seus respectivos personagens são reunidos pela faixa etária. Assim, o primeiro episódio aborda os 50 anos; o segundo, os 60; e assim por diante.

> Estamos durando mais, muito mais. Cada vez mais velhos habitarão o planeta. Como atravessar as idades e aprender a envelhecer? Como envelhecer? Infinitas questões permeiam o assunto idade: a durabilidade das relações amorosas; as conquistas profissionais; a independência; a aparência, o corpo, a morte. O diretor Alberto Renault entrevistou 30 pessoas das mais variadas origens e classes sociais, e mostra esses encontros em episódios dedicados aos 90, 80, 70, 60 e 50 anos de vida. [...] Cada episódio dedicado a uma faixa etária. Cada episódio uma década de muitos anos de vida. (MUITOS ANOS DE VIDA, 2016)[12]

Após assistir aos cinco episódios, verificamos que o formato muito se assemelha ao do documentário anterior, embora não haja falas de especialistas, mas tão somente dos idosos. São personagens da vida real que mostram o que fazem, seu cotidiano e formas de viver a velhice. Em cada episódio, seis pessoas contam um pouco sobre sua vida, e surge também um breve resumo da sua história de vida, em *lettering*, mostrando o que torna aquela narrativa interessante – a superação após a viuvez, a descoberta de novas vocações e/ou hobbies, a obtenção de mais qualidade de vida após grandes mudanças, a vitória em esportes etc. Destaca-se, também, o fato de o primeiro episódio abordar os 50 anos, faixa etária que não é considerada idosa.

Nesse ponto, *é de se destacar que a maioria dos homens traz como destaque da sua trajetória a boa forma física a partir da prática contínua de algum tipo de esporte, entre os quais o* surfe (2 ocorrências), a ginástica (2), o atletismo, o skate e o iatismo. Esse é um aspecto inclusive destacado na peça de divulgação da série, na qual se vê dois homens: um que faz ginástica em barras, esbanjando força e equilíbrio, e o outro mostrando um invejável abdome, popularmente conhecido como "tanquinho", apesar dos seus 69 anos.

Figura 4: Imagem de divulgação da série Muitos anos de vida (MUITOS ANOS DE VIDA, 2016)

[10] A série foi exibida no canal GNT nos seguintes dias: primeiro episódio em 9 de março; segundo episódio em 16 de março; terceiro episódio em 23 de março; quarto episódio em 30 de março e quinto episódio em 6 de abril de 2016.

[11] Plataforma disponível em: <https://goo.gl/iuvoDi>. Acesso em: 2 maio 2016.

[12] Transcrição de trecho da chamada comercial de *Muitos anos de vida*. GNT. <https://goo.gl/3b8aid>. Acesso em: 22 jun. 2017.

Considerando a quantidade total de pessoas entrevistadas e mostradas nos cinco episódios da série, embora haja uma quantidade de mulheres (16) um pouco maior que de homens (14), o que é notável é que oito deles, isto é, 57% dos homens da série, referem-se com orgulho ao esporte, e não há nenhuma faixa etária em que o esporte não tenha destaque.

	Homens	Homens no esporte	Mulheres	Mulheres no esporte
Episódio 1 - 50 anos	03	02	03	-
Episódio 2 - 60 anos	04	03	02	-
Episódio 3 - 70 anos	02	01	04	-
Episódio 4 - 80 anos	03	01	03	02
Episódio 5 - 90 anos	02	01	04	01
TOTAL	**14**	**08 (57%)**	**16**	**03 (18%)**

Tabela 1: Quantidade de homens e mulheres nos episódios da série Muitos anos de vida e sua relação com o esporte.

Entre as mulheres, o esporte não chega a ocupar lugar de grande relevância. Apesar de algumas delas praticarem atividades esportivas, havendo inclusive medalhista mundial de natação e uma bailarina, tal vigor não constitui o eixo de grande número das narrativas, como ocorre nas histórias masculinas. Aqui o esporte está relacionado a apenas 18% das narrativas femininas, o que é revelador sobre o quanto homens e mulheres vivem a velhice de forma diferente.[13]

De fato, Debert (2012), após pesquisa de campo com idosos, também registra distintas formas como homens e mulheres se relacionam com a velhice. Enquanto as mulheres veem nessa fase a possibilidade de maior liberdade, ao criar as próprias regras e ter mais independência, os homens se situam em posição diametralmente oposta, encarando com mais pessimismo a experiência do envelhecimento. Longe de buscar generalizações, a pesquisa dela indica pistas de modos diferentes de encarar a velhice a partir da mudança de papéis. Os homens entrevistados pela autora fazem referências melancólicas à velhice do passado, quando os pais e avôs eram respeitados. Já as mulheres tendem a perceber na velhice saudável um novo momento de descobertas e emancipação, principalmente para aquelas que foram criadas sem perspectivas de estudos e carreira, e se dedicaram ao casamento, filhos e tarefas do lar, ficando restritas a uma vida com papéis claramente definidos:

> no mundo contemporâneo, a conquista da liberdade feminina é, para elas, um fato irreversível e redefine o que é envelhecer. Pela primeira vez é aberto um espaço para as mulheres de mais idade criarem novas regras e estilos de vida. (DEBERT, 2012: 185)

Na série *Muitos anos de vida*, parece haver uma brecha maior quanto à obrigação de juventude e atividade constante, vista com mais evidência nos três objetos anteriores. Entre as mulheres, sobretudo, destacam-se histórias de transforma*ção* em busca de qualidade de vida e paz interior, com certo orgulho de viver produtiva e independentemente. Elas reclamam das limitações do corpo (principalmente joelho, vista, menopausa), mas se declaram realizadas. Uma hipótese possível para isso pode estar na maior flexibilidade em aceitarem suas limitações, ignorando os padrões de beleza tão rígidos com a mulher.

Para Pierre Bourdieu (2010), a gestão do corpo feminino não deixa de ser uma evidência da dominação masculina, que constitui as mulheres como objetos simbólicos e as mantêm sempre em dependência, já que o corpo das mulheres seria um "corpo-para-o-outro". Mais recentemente, Goldenberg (2015: 58) identifica na busca do corpo perfeito "uma das mais cruéis fontes de frustração feminina do nosso tempo" e "um retrocesso no processo de emancipação feminina".

[13] A partir do trailer do documentário *Envelhescência* (Gabriel Martinez, 2015), também vemos que o esporte é tido como chave de sucesso e de qualidade de vida na velhice para, pelo menos, três dos seis homens, que praticam corrida e karatê e saltam de paraquedas. Aqui as mulheres também são mais aventureiras – uma delas é surfista, a outra anda de moto.

Ao conferir mais importância a aspectos interiores que externos, a terceira idade para a mulher parece estar associada a um abandono da obsessão com a aparência em troca de mais preocupação com o bem-estar psíquico e os afetos. Uma das depoentes, logo no primeiro episódio, informa que deixou de pintar os cabelos brancos e por isso é questionada se é a mais velha das irmãs, quando na verdade é a caçula. Outra reclama de certa invisibilidade da mulher no Brasil a partir de certa idade, diferente do que acontece quando viaja para a Europa, local onde é paquerada. Revelador desse *ethos* mais liberto é um trecho do depoimento de Aurélia (75 anos) que declara: “Eu não quero saber de espelho, eu quero saber de estar bem comigo mesma”.

No mesmo sentido, a partir de grupos de discussão, essa tendência também foi constatada entre as mulheres por Goldenberg (2015: 41): “[elas] percebem o envelhecimento como uma descoberta, altamente valorizada, de um ‘eu’ que estava encoberto ou subjugado pelas obrigações sociais, especialmente pelo investimento feito no papel de esposa e mãe”. *É o que fica claro também a partir do* revelador depoimento de Iracema Genecco, 64 anos, no segundo episódio da série:

> Quando eu cheguei aos 60, eu só preciso desfrutar dos meus 60. Não tenho mais que correr atrás de trabalho, não tenho mais que... a minha família tá criada, eu consigo me resolver sozinha... então ficou perfeito. Eu consegui a tranquilidade de ser eu mesma depois dos 60. (MUITOS ANOS DE VIDA, 2016)[14]

[14] Transcrição de trecho da chamada comercial de *Muitos anos de vida*. GNT. <https://goo.gl/3b8aid>. Acesso em: 22 jun. 2017.

A liberdade e a realização para as mulheres, ilustradas nesse último audiovisual, parecem diferentes do bem-estar dos homens. Esses também se reinventam, mas para eles o esporte parece ser um eixo definidor da sua forma de viver a velhice, o que fica claro até mesmo pelo próprio material de divulgação da série, com abdomes trabalhados e força física valorizada.

Comparando o documentário *Envelhescência* (2015) e a série documental *Muitos anos de vida* (2016), vemos que o primeiro traz seis histórias, o segundo, trinta – seis histórias a cada episódio. É importante ressaltar que, em geral, eles são assistidos por um público que já sabe um pouco o que esperar a partir do tema e da publicidade a que ficou exposto, diferentemente de programas como *Jornal Nacional* e *Mais Você*, nos quais a gama de assuntos é mais variada, e o público precisa ser introduzido a certos temas, com os quais muitas vezes não tem familiaridade. Feita essa ressalva, vemos em comum nos documentários o questionamento de limites e a subversão da imagem de recolhimento e de apagamento associadas à velhice.

Embora não se possam fazer generalizações, o que percebemos é que, ao contrário dos homens, a grande conquista presente nas narrativas femininas da série documental *Muitos anos de vida* está associada à ideia de reinventar-se, aproveitar a vida e redescobrir-se, ou seja, o foco é no seu desenvolvimento interior e ganha força a recorrência à reflexividade (GIDDENS, 2002). Os homens, todavia, mostram-se mais dependentes da força física e vigor como sinais exteriores de sucesso e bem-estar na velhice. Em comum, no entanto, surge a importância da atitude positiva como receita de viver bem a nova fase.

Considerações finais

A partir da aproximação com quatro produções audiovisuais, sendo três televisivas e uma voltada para cinema (*Envelhescência*), verificamos que a heterogeneidade constitutiva da categoria “velhice” parece não corresponder a uma maior diversidade de discursos acerca do envelhecimento.

Nas produções da TV Globo – série de reportagens do *Jornal Nacional* e matéria do *Programa Mais Você* – apesar do estilo diferente característico de cada

programa, há uma profusão de semelhanças na abordagem do tema. Em ambos, há muitos gráficos ilustrativos, reforçando o crescimento do topo da pirâmide etária, muitas imagens de gerações em convivência amigável, um recurso comum de contextualização e introdução ao tema. Mas, sobretudo, a velhice ativa e feliz é erigida a mandamento, cabendo a cada indivíduo a responsabilidade pela sua condução. No *Jornal Nacional*, em um quadro de debate sobre reforma da Previdência, o tema aparece subjacente no estímulo ao trabalho nas faixas etárias mais avançadas, como caminho para a manutenção da lucidez e da independência, trazendo-se comparativamente o exemplo do Japão, país com um contexto socioeconômico e histórico-cultural totalmente diverso. *Mais Você* trata do tema com *ethos* de naturalidade, considerando comum o rejuvenescimento dos idosos, talvez como reflexo da apresentadora, que se esforça para esbanjar juventude e alegria.

Já os documentários prescindem de gráficos e explicações prévias. Destinam-se a compartilhar trajetórias bem-sucedidas de idosos que descobrem novas (e desafiadoras) experiências, pelas quais se reinventam. Por meio do esporte, os homens encontram nova motivação. Já para as mulheres, embora esse eixo também esteja presente, é mais apagado; para elas, importa sobretudo o autoconhecimento e questões mais ligadas ao equilíbrio psíquico. É revigorador perceber que, entre tantos modelos aprisionantes de felicidade obrigatória, há um pequeno indicador de flexibilidade com a beleza feminina. Aos poucos, algumas deixam de pintar cabelo para esconder os fios brancos e se preocupam menos com o espelho, como demonstra a série *Muitos anos de vida*.

Com exceção dessa série, todos os outros produtos audiovisuais trazem na sua narrativa a fala dos especialistas, que reforçam a reflexividade ao tempo em que trazem mais força e legitimidade para o discurso que associa a velhice a atributos como juventude, atividade e felicidade, como marca da contemporaneidade.

Dessa forma, movidos pelo discurso circulante de velhice ativa e feliz, os produtos midiáticos e os especialistas em envelhecimento que nele aparecem contribuem para reforçar um deslocamento da ideia de velhice bem-sucedida, mais de acordo com as lógicas capitalistas, em que a juventude é considerada valor a ser conquistado, dissociado de faixa etária, e os sujeitos precisam parecer felizes, hiperativos e sedentos por novas atividades e experiências que os transformem em outra categoria, que não a de velho. Se a velhice está sendo posta em evidência, ao que parece, a imagem que se quer (ou se precisa) mostrar é de atividade contínua e juventude, reforçando a importância da atitude positiva como receita de viver bem a nova fase conforme a noção de “reprivatização da velhice” (DEBERT, 1997), ainda que com negação da idade e do próprio processo de envelhecimento. Trata-se, assim, de uma visibilidade editada, mais semelhante à juventude e de conformidade com os valores e a lógica consumista.

Referências

AGÊNCIA BRASIL EBC. *OMS estima que número de pessoas com mais de 60 anos dobre até 2050.* 30 set. 2015. Disponível em: <https://goo.gl/4IwU91>. Acesso em: 24 out. 2015

BARROS, M. M. L. (Org.). *Velhice ou terceira idade?* Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. 4. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

BEAUVOIR, S. *A velhice I:* a realidade incômoda. São Paulo: Difel, 1976.

BORGES, G. M.; CAMPOS, M. B.; CASTRO E SILVA, L. G. Transição da estrutura etária no Brasil: oportunidades e desafios para a sociedade nas próximas décadas.

In: ERVATTI, L. R.; BORGES, G. M.; JARDIM, A. P. (Org.). *Mudança demográfica no Brasil no início do século XXI:* subsídios para as projeções da população. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 2015. Disponível em: <https://goo.gl/UpU9Wr>. Acesso em: 10 maio 2016.

BOURDIEU, P. *A dominação masculina.* 7. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

CASTRO, G. G. O envelhecimento na retórica do consumo: publicidade e idadismo no Brasil e Reino Unido. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO (COMPÓS), 24., 2015, Brasília, DF. *Anais...* Brasília, DF: Universidade de Brasília, 2015.

DEBERT, G. G. Gênero e envelhecimento. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 2, n. 3, p. 33-51, 1994.

______. Envelhecimento e curso da vida. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 5, n. 1, p. 120-128, 1997. Dossiê Gênero e Velhice.

______. A antropologia e o estudo dos grupos e das categorias de idade. In: BARROS, M. M. L. (Org.). *Velhice ou terceira idade?* Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. 4. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p. 49-67.

______. *A reinvenção da velhice*. São Paulo: Edusp, Fapesp, 2012.

ENVELHESCÊNCIA. Direção: Gabriel Martinez. Produção: Samarah Kojima. São Paulo: ProacSP, 2015. 1 DVD (84 min). Disponível em: <https://goo.gl/YN2zQO>. Acesso em: 2 maio 2016.

FREIRE FILHO, J. (Org.). *Ser feliz hoje*: reflexões sobre o imperativo da felicidade. Rio de Janeiro: FGV, 2010.

FREIRE, M.; SOARES, R. História e narrativas audiovisuais: de fato e de ficção. *Comunicação, Mídia e Consumo*. São Paulo, v. 10, n. 28, p. 71-86, maio/ago. 2013.

GIDDENS, A. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

GOLDENBERG, M. *Coroas*: corpo, sexualidade e envelhecimento na cultura brasileira. Rio de Janeiro: BestBolso, 2015.

JORNAL Nacional. Rio de Janeiro: Rede Globo, 2-5 jan. 2017. Programa de TV. Série de reportagens especiais sobre o envelhecimento no Brasil. Disponível em: <https://goo.gl/txABHa>. Acesso em: 10 jan. 2017.

MUITOS anos de vida. GNT Brasil. Direção: Alberto Renault. Produção: Alex Mehedff; Gualter Pupo; Luis Vidal. Brasil: Hungry Man, 2016. (22’). Disponível em: <https://goo.gl/3b8aid>. Acesso em: 2 maio 2016.

PROGRAMA Mais Você. Rio de Janeiro: Rede Globo, 25 abr. 2016. Programa de TV; Direção: J. B. Oliveira. Apresentadora: Ana Maria Braga. Disponível em: <https://goo.gl/8kYhGV>. Acesso em: 22 jun. 2017.